

REVISTA

Imprensa Jovem

Uma ação Educom - Metodista
Julho de 2021

O GRAFITE,

A CIDADE E A VIDA

PANDÉMIA DE COVID-19:

- Os desafios do ensino híbrido
- A preparação para o Enem
- A falta das aulas de Educação Física
- HQ Jovenilda Confinada

Leia ainda sobre Cultura Maker e Videoperformance nas escolas

IMPRENSA JOVEM 16 ANOS

"TODOS TÊM
DIREITO À
LIBERDADE
DE OPINIÃO E
EXPRESSÃO"

-DECLARAÇÃO UNIVERSAL
DOS DIREITOS HUMANOS



IMPRENSA
JOVEM
educom

índice



REVISTA Imprensa Jovem

Uma ação Educom - Metodista

EXPEDIENTE

● Estudantes do 3º semestre do curso de Jornalismo presencial da Universidade Metodista de São Paulo, turmas matutino e noturno (em ordem alfabética): Adriane Sousa, Ana Carolina Santos, Aryanne Leal, Bruno Gabriel de Araujo dos Santos, Byanka Mendes, Carla Castanho, Carolina Helena, Caroline Devides, Gabriel Lima Kurihara Shindo, Gabriela Gonçalves Oliveira, Giulia Ferreira, Igor Guedes, Isabella Gaino, Isabella Purkote, João Lucas Tollotti, João Martins, João Paulo Carnevalle Poggiagoli, Kaique Nogueira dos Santos, Leonardo Lopes, Lucas Bitencourt, Lucas Teixeira, Luís Vieira, Luiz Felipe Moreira, Luiz Fernando Amorim, Lyandra Renata, Lygia Cavalcante, Matheus Jhonathan Vitoriano, Marcus Vinicius, Maria Eugênia Zaneli, Mariana Manzoni, Maurício Rodrigues, Miguel Brisola, Pedro Hugo, Pedro Pasa Gomes Mota, Ryan Hanada Koralewsky, Sara Jané, Sthefany Gomes, Thiago Calamari, Vinícius Leal Marinheiro.

● Professores da Universidade Metodista de São Paulo, orientadores de produção do conteúdo: Eduardo Grossi (texto), Eloíza de Oliveira Frederico e Priscila Quintal (áudio), José Reis Filho (diagramação), Oswaldo Hernandez (fotografia).

● Professores e estudantes da Rede Municipal de Ensino de São Paulo / Projeto Imprensa Jovem (por escola): professora Christiane Martins Oliveira e os estudantes Isabella Santos Pereira, Giulia Guimarães Dantas e Steffany Sousa Silva, da EMEF Antônio Estanislau do Amaral. Professora Luciana da Silva Chagas, e os estudantes Emily Layanne Conceição Rodrigues, Ayla Lins e Silva, Espedito Gomes Mendez Júnior, da EMEF Mailson Delane. Professores Igor Martin Pereira e Meire de Fatima Moralez e os estudantes Ashley Tais Choque Ordonez e Máira Bueno Silva, da EMEF Sebastião Nogueira. Professora Adriana Bernardino Paz Landin e os estudantes Guilherme Rodrigues da Silva, Nicolly Alves da Costa Gomes, João Enrique Barbosa Santos Alves e Naomi Yumi Ishii Calisto, da EMEF Dr. João Augusto Breves.

● Professores e estudantes responsáveis pela História em Quadrinho "Jovenilda confinada": Professor Marcos Roberto da Silva Moreira (coordenador) e os estudantes: Allan Nascimento Rocha, Camille Del Rio Braz, Clara de Sousa Martins, Hevelyn Luzia Borges Soares, Marcos Roberto da Silva Moreira, Ian Paiva, Jamilly Vitória Marcolino, Kauã Paiva, Micaelly Pamela Batista dos Santos, da EMEF Joaquim Oratório Duque-Estrada. Orientação: Carlos Antonio Teixeira (Equipe de Formação do Núcleo de Educom/SME).

● Colaboradores desta edição: Eliana Angélica D'Alessandro (Equipe de Formação do Núcleo de Educom/SME). Professora Sirleni Batista Uenojo e os estudantes Myrella de Souza Adriano, Lunna da Silva Dantas, Nestor Gabriel Alanorça, Murillo Felipe de Jesus, Alan de Souza Amaral, Gabriel Vieira da Silva, Jorge Gabriel Nascimento de Lima, da EMEF Profa. Maria Helena Faria Lima.

● Coordenação geral: Camila Escudero (professora da Universidade Metodista de São Paulo e jornalista responsável pela edição - MTb: 39.564) e Carlos Lima (coordenador do Núcleo de Educom/SME).

● Apoio: Projeto Comunica, Nossa Gente! e Agência Labcom, da Univerisdade Metodista de São Paulo.

Participação

A REVISTA IMPRENSA JOVEM é aberta a todos os estudantes, de todas as séries e escolas, públicas e particulares, de todos os lugares. Falamos de todos os temas. Vamos atrás da informação, entrevistamos, checamos, escrevemos, editamos, produzimos. E mostramos isso em todas as linguagens: áudio, foto, vídeo, texto... E, nesse processo, aprendemos muito, ganhamos autonomia e exercemos nosso direito à comunicação. Toda colaboração é bem-vinda! Quer fazer com agente?

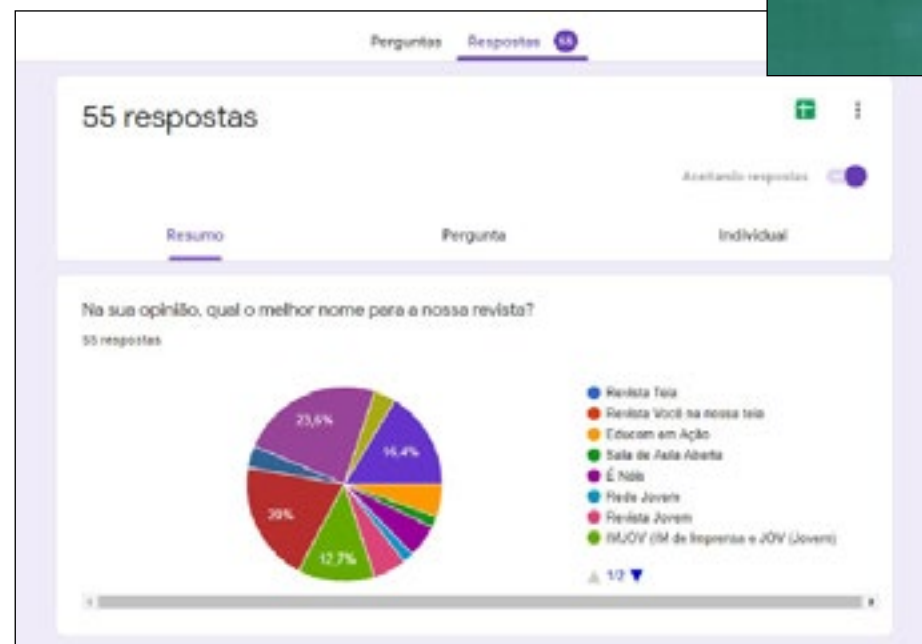
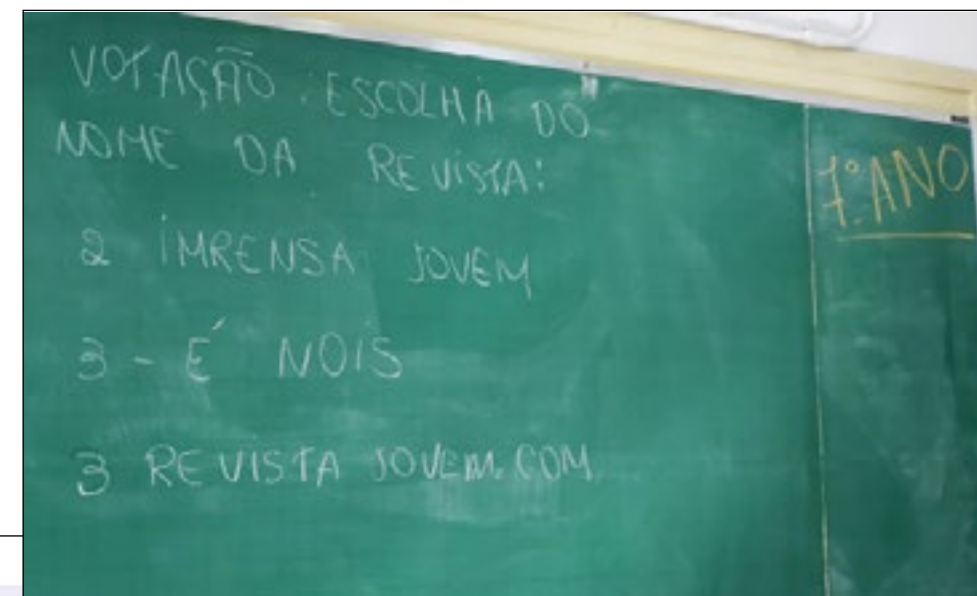
Entre em contato. Sugira uma pauta. Trabalhamos juntos, nessa.

E-mail: comunicanossagente@metodista.br.



Fotos: Sirleni Batista Uenojo

Para escolher o nome da nossa revista, fizemos uma votação presencial e online a partir da indicação de títulos dos estudantes e professores envolvidos no projeto. Nas fotos, os alunos do 7º ano da EMEF Profa. Maria Helena Faria Lima °Myrella de Souza Adriano, Lunna da Silva Dantas, Nestor Gabriel Alanorça, Murillo Felipe de Jesus, Alan de Souza Amaral, Gabriel Vieira da Silva, Jorge Gabriel Nascimento de Lima °, participaram da escolha presencial, em maio de 2021, coordenados pela professora Sirleni Batista Uenojo. O resultado dessa seção foi: 3 votos para



Imprensa Jovem; 2 votos para É Nóis; e 3 votos para Revista Jovem.com.

O gráfico ao lado indica o resultado da votação online, realizada também em maio de 2021, pelo Google Forms. No total, 55 pessoas votaram, entre alunos e professores participantes do projeto. Os três nomes mais indicados foram: Revista Imprensa Jovem, Revista Meta Jovem e Revista Jovem.com. O primeiro ganhou com 13 votos (23,6% do total).

O estudante tem voz e suas ideias, reflexões e interesses precisam ecoar na sociedade

CARLOS LIMA

Coordenador do Núcleo de Educomunicação da Prefeitura de São Paulo

O Imprensa Jovem é uma iniciativa que amplifica vozes e promove o diálogo do estudante com sua comunidade. É uma proposta de Educomunicação, definida como um conjunto de ações para criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos pelas linguagens, garantindo aprendizagens e liberdade de expressão. Em suma, Educação para Comunicação e Educação com a Comunicação.

Em uma reunião de pauta do projeto Educom. Radio, um grupo de estudante discutia os assuntos que seriam abordados nos programas de rádio da semana. Era um fim de tarde em 2005, já perto da entrada dos estudantes de Educação de Jovens e Adultos da escola EMEF Pedro Teixeira. Em uma discussão acalorada um estudante sugeriu: Que tal convidarmos os tiozinhos da noite para participar da Rádio? Eles poderiam ajudar com informações da comunidade na Rádio. Nascia aí o embrião do projeto Agência de Notícias Imprensa Jovem. A participação de jovens e adultos deu aos adolescentes o norte para desenvolver uma iniciativa que potencializou a comunicação da escola com a comunidade.

Em 2016, o projeto se tornou programa educacional instituído pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo por meio da portaria 7991/2016. Ou seja, de uma ideia pensada por um estudante que nasceu numa reunião pauta, torna-se uma política pública de educação midiática.

Ao definir o Imprensa Jovem, o estudante André, de 10 anos, ressalta o processo de construção da comunicação pelo e com o protagonismo do estudante. “Imprensa Jovem é um espaço de expressão. Somos uma rede e estamos em sintonia. Contamos fatos a partir dos nossos pontos de vista. Registramos, editamos,

publicamos e compartilhamos. Somos estudantes, e estudantes que produzem notícias.

O uso de tecnologias digitais e internet pelos projetos Imprensa Jovem favoreceu a difusão da comunicação produzida pelos estudantes. As redes sociais criaram ambiente ideal para que os estudantes socializassem suas produções em audiovisual, texto, podcast e fotografia. As agências de notícias nas escolas se multiplicaram por toda cidade de São Paulo, compondo um programa educacional que forma a Educação Integral e o currículo dos estudantes da Educação Básica.

As atividades pedagógicas do Imprensa Jovem envolvem produção e leitura crítica da mídia. No processo de produção, os estudantes realizam entrevistas, reportagens, coletivas jornalísticas, vídeo-reportagem, criação de campanhas na Redes Sociais, matérias para site e blogs, podcast. A criação de veículos apoia a formação de leitores críticos da mídia entre os estudantes. A experiência de produção contribui ainda para a compreensão dos processos de manipulação da mídia.

Para tornar possível a manifestação comunicativa e criativa do estudante, a produção e uso de canais de comunicação nos quais eles e elas possam socializar suas pautas passa a ser o meio de conectar suas vozes na comunidade e na sociedade.

A Revista Imprensa Jovem tem o potencial de colocar foco em assuntos de interesse dos estudantes. É um veículo de comunicação com o DNA do estudante. O projeto construído por alunos e alunas de escolas públicas de projetos de Educomunicação e do curso de Jornalismo da Universidade Metodista de São Paulo é um encontro de experiências de vida, culturais e acadêmicas. Mediada pelos seus professores, a fruição da parceria escola e comunidade cria um canal democrático de comunicação para discutir Educação, Cultura, Tecnologia, Sustentabilidade e assuntos de interesse da galera. A iniciativa surge com vários diálogos ao longo dos anos entre o Programa Imprensa Jovem e a universidade até culminar na ideia da Revista.

Como toda produção educacional, a ideia é inspirar outras iniciativas em outras regiões do país. A experiência de construção revela um aprendizado mútuo entre os estudantes envolvidos e a sociedade, que ganha conteúdos para reconhecer o potencial das juventudes, seus pensamentos, inspirações, reflexões. Imprimir a marca dos estudantes em um canal de comunicação construído por eles é garantir o direito universal a comunicação. O direito à comunicação é um direito humano.

A universidade e a escola pública vivem

CAMILA ESCUDERO

Professora Doutra do curso de Jornalismo da Universidade Metodista de São Paulo

Em 1964, em um texto clássico sobre as funções fundamentais da universidade, Anísio Teixeira disse que a universidade é a transmissora de uma cultura comum. Nesse sentido, ela precisa estar sustentada pelo tripé: ensino, pesquisa e extensão. Ensino para formar intelectual e profissionalmente alunos e alunas. Pesquisa para produzir conhecimento. E extensão para que tudo isso não fique guardado dentro dos muros dos campi e vá para a sociedade, em um processo de interação que contribui, em última instância, para o desenvolvimento social e humano.

Como se vê, é uma função nobre, que este projeto da Revista Imprensa Jovem materializa com maestria. Há tempos, que estamos em diálogo com o Núcleo de Educomunicação da prefeitura de São Paulo, por meio do projeto Imprensa Jovem, planejando e construindo esse veículo. Até que agora, em pleno momento difícil e pandêmico que estamos vivendo, com a Covid-19, sua primeira edição ficou pronta. Um alento para tempos tão tristes.

Colocar jovens universitários, em pleno processo de formação acadêmica, para trabalhar com estudantes das escolas da rede pública na produção do conteúdo jornalístico que você verá aqui foi um desafio. Diferentes realidades, contextos e condições separam esses dois universos. Mas não disse o mestre Anísio Teixeira que estamos no mundo da transmissão de uma cultura comum?

Foi um semestre de muito trabalho. Planejar a edição, elaborar as pautas, produzir o material em diferentes formatos o texto, áudio, foto o foi intenso. Envolver no processo professores de diversas disciplinas, tanto da universidade, como da rede pública, também foi um exercício. E tudo isso em diálogo e colaboração para que por meio desse conteúdo seja expressada a voz do estudante e conhecida sua forma de ver o mundo. Uma ação e tanta para todos os envolvidos.

Assim, a Revista Imprensa Jovem nasce. Modesta em seu formato, mas grande em seu propósito. De abrir a universidade para a sociedade, colocando-a no patamar de uma instituição orgânica e integrada à vida das pessoas. De ter continuidade e de se expandir para outros lugares do Brasil, outras escolas, outros jovens e outros universitários. A universidade vive e a escola pública também. Que assim seja!

A criação de veículos apoia a formação de leitores críticos

Modesta em seu formato, mas grande em seu propósito

NEM só de texto e foto vive o Jornalismo de revista. Na era do avanço das Tecnologias de Comunicação e Informação, as chamadas TICs, a integração de formatos e mídias é uma constante. Pensando em “recheiar” o conteúdo da Revista Imprensa Jovem, alunos e professores produziram uma série especial de reportagem em áudio. Veja a lista de conteúdos e para escutar todos [clique aqui!](#)

2

LER É descobrir o mundo. O hábito da leitura melhora a concentração, desperta a criatividade e estimula o senso crítico. A edição especial do programa Quinteto News aborda o assunto, com foco no momento atual que estamos vivendo, ou seja, qual a importância de ler em época de pandemia. O programa traz ainda dicas de estudantes sobre livros em uma seleção dos Top 3 Melhores. Bem legal!

4

O MINUTO Cultura faz uma seleção de notícias culturais e de entretenimento para jovens. K-Pop, inscrições para oficinas culturais, empréstimos de livros e o próprio projeto Imprensa Jovem estão entre os assuntos comentados.

1

A PANDEMIA de Covid-19 modificou radicalmente o nosso modo de viver. Uso de máscara, de álcool gel, isolamento social, vacina...

Tudo isso passou a fazer parte da vida de todos. Com os estudantes, não seria diferente. Novas rotinas, principalmente atreladas à escola, tiveram que ser seguidas de uma hora para outra e o ensino híbrido passou a ser uma realidade.

Professores e estudantes comentam o desafio dessa nova era e modelo de ensino-aprendizado.

3

TODOS sabemos que a prática de exercícios físicos é essencial para a saúde. Durante a pandemia, porém, com escolas fechadas ou funcionando parcialmente, quais as consequências da suspensão das aulas de Educação Física para alunos e professores? Esse é o tema da edição Diário Priva Max, confira.

5

O HOMESCHOOLING, conhecido no Brasil como ensino doméstico ou domiciliar, era apenas uma modalidade de ensino distante, na qual o estudante não frequenta a escola e sim aprende tudo em casa, geralmente com a supervisão dos pais. Até que veio a pandemia e todos tiveram que aprender na prática como isso funciona. Saiba mais no programa produzido

Muito além de desenhos, o

GRAFITE

é capaz de transformar

VIDAS

Os desenhos urbanos em muros mudam o comportamento daqueles que a praticam e questionam os problemas da sociedade

Um tipo de inscrição feita em paredes”, essa é a definição popular dada ao grafite, movimento artístico que nasceu em Nova Iorque durante a década de 70, quando jovens do movimento hip hop começaram a deixar suas ideias e opiniões registradas nos muros da cidade. Porém, há indícios de que o grafite (ou grafitismo) possa ter surgido muito antes disso. Estudiosos apontam que nos primórdios da humanidade os homens já faziam seus registros nas paredes das cavernas e que, durante o Império Romano, já existiam exemplos de intervenções feitas em espaços públicos. Segundo Anderson Govea Luiz, de 39 anos de idade e grafiteiro há 23 anos, por meio da arte do grafite é possível combater diversos males que assolam a sociedade atualmente, como o machismo, o racismo e a homofobia. “Através da arte, nós conseguimos conversar com as pessoas de igual

para igual, conseguimos mostrar coisas que elas não enxergam”, afirma.

O grafiteiro Anderson considera que o preconceito com a modalidade diminuiu nos últimos anos. Artistas que se limitavam às paredes das galerias saíram para as ruas, para se inteirar da atividade artística que vem, a cada dia, tomando os espaços públicos.

O grafite veio para o Brasil durante um período conturbado da história do país: a Ditadura Militar. Ainda nos anos 70, quando os brasileiros eram silenciados pela censura, o movimento chegou a São Paulo como uma forma de arte transgressora, e os grafiteiros deram voz aos protestos da população usando as ruas e as avenidas da cidade. Aos poucos, o grafite começou a fazer parte do dia a dia urbano e se espalhou por todo o país.

O grafite produzido atualmente é também um agente de mudanças



GRAFITE feito por Robson Melancia



MURAL criado por grafiteiros na Vila Sacadura Cabral, Santo André - SP

econômicas. Por ser um tipo de arte mais acessível, os artistas passaram a se profissionalizar e a ter a atividade como sua principal fonte de renda. O grafiteiro André Almeida, de 38 anos, por exemplo, é uma das pessoas que viu no grafite a oportunidade de ir além da arte. “Eu desenho desde pequeno e aí surgiu a ideia de começar a ganhar dinheiro com a minha arte”, contou ele. André trabalha com o grafite comercial. Ele produz obras em prédios e residências há 18 anos e diz optar por desenhos mais realistas e paisagens, principalmente

para trazer alegria e emoção para quem as observa. Para ele, o grafite pode sim mudar a vida das pessoas, de forma a acrescentar qualidade de vida e gerar renda. “Minha vida melhorou muito através do grafite, tenho uma vida bem estável”.

O estudante de 17 anos, Raphael Pereira Rodrigues, mora na Vila Sacadura Cabral, em Santo André. Do lado da sua casa tem um grande muro que, por muito tempo, esteve apenas coberto de sujeira e rabiscos aleatórios. No último ano, após uma ação de grafiteiros, o espaço ganhou cor e trouxe vida à rua de Raphael. Para o rapaz, o grafite é algo bonito, que tem a capacidade de transformar o ambiente, trazendo beleza e uma possibilidade de reflexão para quem o vê. “Deixou o ambiente mais agradável e bonito, melhor que uma parede branca sem graça. As pessoas que observam esse tipo de arte podem refletir ou trazer uma lição para a vida através do grafite”.

Mesmo após tantos anos do surgimento do grafite, hoje ainda existem aqueles que confundem o grafite com pichação e, por isso, o consideram como uma forma de vandalismo e desrespeito à paisagem urbana. André conta que em seus anos de trabalho muitas vezes sofreu preconceitos e teve sua atividade desvalorizada por ser confundida com pichação. “Sempre acontece isso, infelizmente, na nossa sociedade, somos confundidos com pichadores, o que é totalmente diferente, pois grafite traz alegria e deixa a cidade colorida. A pichação só suja”, criticou.

Para ficar claro o propósito da arte, é preciso entender a diferença entre



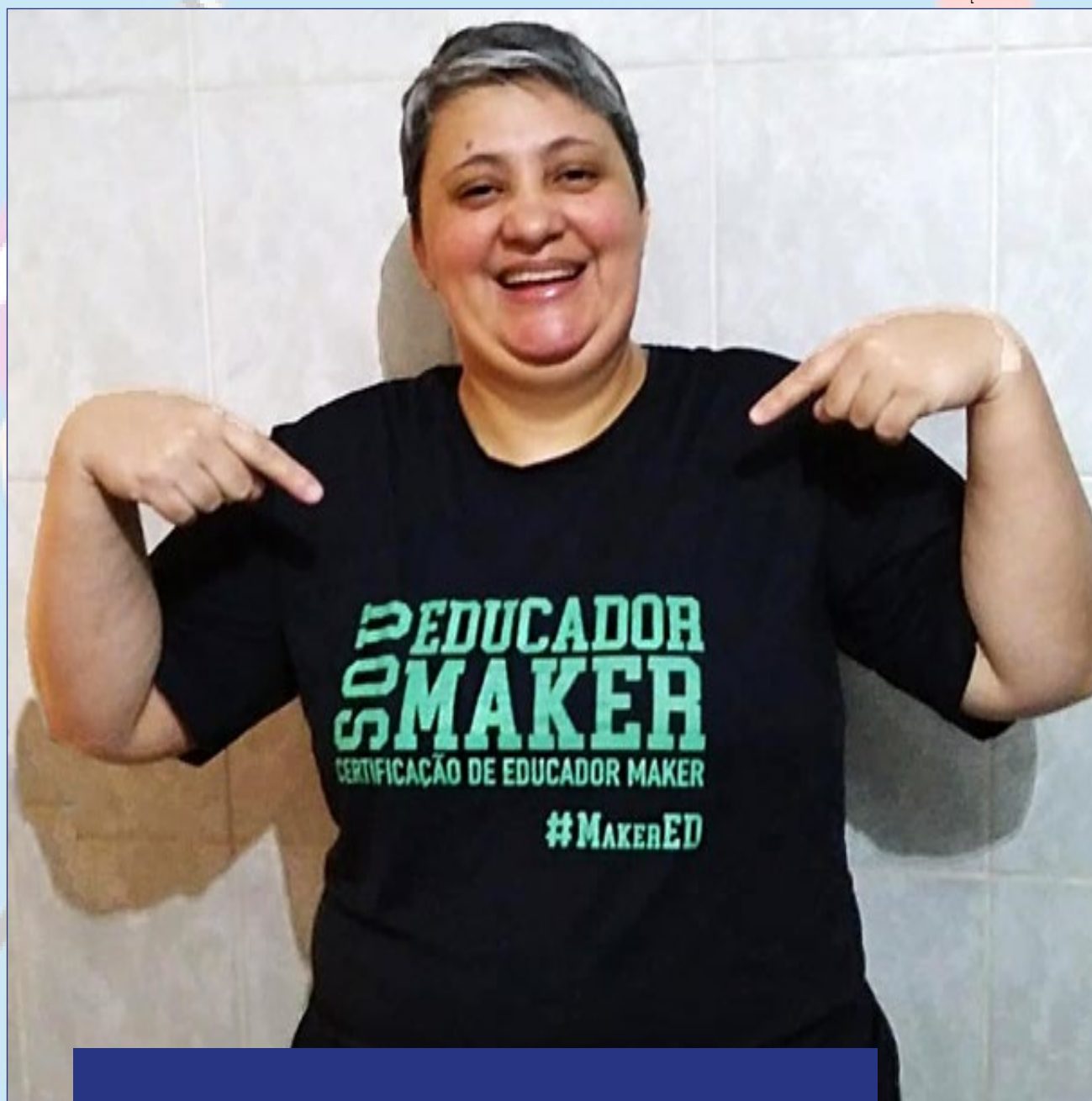
ÁRVORES, por Dimi Gouveia@dimigovea

grafite e pichação. Na pichação, são usadas tipografias variadas, e sem muita regra ou sentido, enquanto o grafite traz uma arte mais complexa e que, portanto, necessita de mais técnica e habilidade.

Grafiteiro há quatro anos em Pirituba, zona norte de São Paulo, Rafael Selassie Santana, de 19 anos, explica que, por ambos serem formas de expressão popular, a sociedade e os órgãos públicos enxergam o grafite como sujeira.

A estudante do ensino médio Naomi Calisto, de 15 anos, admite já ter confundido as modalidades algumas vezes, mas após aprender mais sobre o grafite não voltou a cometer esse equívoco. “Sinceramente, eu acho o grafite algo bonito, que transforma a cidade em algo mais colorido, mas óbvio, em lugares adequados e dentro da lei. A pichação não é algo que posso apoiar, muitas delas podem conter coisas impróprias e podem ser vandalismo”, disse.

Muito além de witters, tags e spots, o grafite veio se construindo como movimento popular de suma importância e é um tipo de expressão artística que deve ser valorizada. Além de colorir pontos das cidades que seriam soturnos e melancólicos, ainda possuem um viés político-social, denunciando preconceitos e injustiças existentes na sociedade de uma forma inteligente e moderna.



FAÇA VOCÊ mesmo

A PROFESSORA
Christiane
Martins Oliveira,
da EMEF
Antônio
Estanislau do
Amaral, é
profissional de
Educação Digital
com Certificação
Educadora Maker

Cultura Maker é um novo conceito de ensinar que ganha espaço nas escolas brasileiras. O objetivo é fazer com que o estudante tenha criatividade e idealize seus projetos

- Criatividade: o mais óbvio de todos. Proporciona aos profissionais que têm uma ideia a oportunidade de colocar a mão na massa para realizá-la.
- ◆ Colaboração: a equipe trabalha de forma muito mais unida, seja fisicamente ou em rede, na chamada open source.
- Escalabilidade: as criações podem ser replicadas, multiplicadas, em grande escala e de custo baixo.
- ◆ Sustentabilidade: nada de desperdiçar recursos. A ordem é investir com responsabilidade e usar o que se tem disponível com inteligência.

Uma grande tendência, chamada “Cultura Maker”, já faz parte da nova realidade da educação. No Brasil, pode ser chamada de “Faça Você Mesmo”. A ideia é proporcionar com que pessoas comuns possam criar, projetar e construir objetos. Esse conceito nasceu em 2005, quando o empresário americano Dale Dougherty criou a revista “Maker”, que abriu para o mundo o novo conceito de criação. No ano seguinte, em 2006, Dale idealizou a Feira Maker, que passou a dar visibilidade às criações.

Na teoria, a Cultura Maker possui quatro pilares: criatividade, colaboração, sustentabilidade e estabilidade. Antes de um projeto chegar ao seu estágio final, é necessário cumprir todas essas etapas.

Algo extremamente importante para que essa metodologia possa ser aplicada são as ferramentas utilizadas no processo de criação. As impressoras 3D, por exemplo, são essenciais para que todo arquivo digital produzido seja materializado. Com elas, é possível ter uma “fábrica” para construir qualquer coisa, seja de metal ou plástico.

O movimento da Cultura Maker toma impulso nas escolas com objetivo de estimular a curiosidade e criatividade dos estudantes. A impressora pode ser utilizada para fazer objetos de plástico ou de metal. No ambiente escolar, entre os objetos podem ser confeccionados brinquedos para as crianças.

A professora Christiane Martins Oliveira, da

EMEF Antônio Estanislau do Amaral, no Parque Novo Santo Amaro, em São Paulo é profissional de Educação Digital com Certificação Educadora Maker pela instituição Thomas Maker °vanguardista no movimento maker e que auxilia outras instituições de ensino no processo de qualificação.

Ela descreve como o movimento maker traz benefícios para os alunos, ainda mais em meio à pandemia de Covid-19, que dificulta muito a logística da educação no geral. “Iniciei a metodologia ativa Cultura Maker no ano de 2019, com alunos do Fundamental I (1º ao 5º ano). Desenvolvemos em sala de aula e inclusive fomos convidados para apresentar nossos Projetos na Mostra de Tecnologia da Prefeitura Municipal de São Paulo”, afirma Christiane.

A escola Antônio Estanislau do Amaral aplica o maker já há algum tempo e a professora Christiane está à frente desse projeto desde 2019. Portanto, nesse período já foram realizados diversos projetos com os alunos. Além disso, para auxiliar ainda mais na produção a instituição tem uma Impressora 3D, desde o início do ano passado.

“Infelizmente, não utilizamos a impressora 3D, mas ela é fantástica. O projeto que irei implementar quando essa pandemia passar, envolverá robótica e modelagem 3D, na qual os alunos irão modelar as peças de robótica, para fazer os projetos. Inicialmente estava pensando em Robô Sumô, assim eles iriam modelar e imprimir a modelagem do Robô, para uma competição interna”, explica a professora.

OS ALUNOS DA PROFESSORA CHRISTIANE, ISABELLA SANTOS PEREIRA, GIULIA GAUIMARÃES DANTAS, GABRIEL PERREIRA GOMES E STEFANY SOUSA SILVA ESTÃO CONHECENDO AS TÉCNICAS

Fotos: Arquivo Pessoal

Pouco depois, a professora passou a ensinar para os alunos das séries subsequentes. Entretanto, mesmo todos os estudantes estando em períodos mais avançados, eles tiveram mais dificuldades em aprender, pois nunca haviam tido contato com esse tipo de ensinamento.

Em 2020, os alunos realizaram uma atividade maker a distância, devido a Pandemia de Covid-19, especificamente todos desenvolveram Flashcards.

O conceito principal é que qualquer pessoa, atribuída de materiais certos e dotado de conhecimento, pode criar suas próprias soluções para problemas. “Comecei a me aprofundar no assunto recentemente, e digamos que não entendo muito ainda”, comentou Isabela sobre a implementação da disciplina na grade curricular da escola.

Já a estudante Giulia conta como a técnica está ajudando no seu desenvolvimento acadêmico. “Sim, é legal

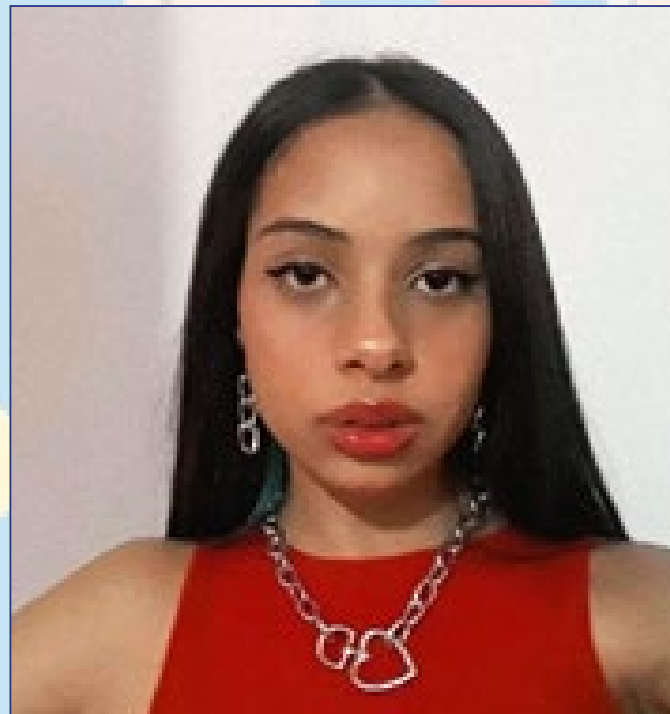
O que é um flashcard?

FLASHCARD

É uma palavra em inglês que conota a ideia de representação gráfica prática (flash = rápido; card = cartão). São pequenos cartões que auxiliam no resumo e memorização da matéria.

Como funciona flashcards?

Para montar flashcards é preciso fazer pequenos cartões, no qual cada um deve ter dois lados. Em um dos lados, você insere uma pergunta ou palavra-chave para ajudar na memorização; no outro lado, pode fazer alguma ilustração.



saber que temos capacidade para colocar qualquer coisa em prática, nos dá motivação”, apontou.

“Eu aprendi a mexer melhor com a Internet e computação, que eram coisas que eu não sabia utilizar muito bem. Agora, quando eu encontro algum problema relacionado à Internet, com as informações que eu tenho, consigo resolver com facilidade. Além disso, os recursos que eu mais gosto de utilizar são os apps de edição e a parte de robótica”, afirmou o também estudante Gabriel.

Por fim, a aluna Stefany diz que as práticas e técnica maker estão ajudando no seu desenvolvimento acadêmico. “Eu acho muito legal a disciplina, pois nos possibilita entrar em um mundo diferente e dinâmico, ao contrário de só usar um caderno e lápis. Ainda por cima, amplia nossa mente e nos ajuda a aprender se divertindo”.

Stefany complementa, dizendo: “Vejo que a cultura maker é o futuro da educação, é uma metodologia que eu gosto muito e gostaria de ter durante toda vida acadêmica”.

ESTUDANTES falam da importância da tecnologia no aprendizado. Na foto ao lado, impressora 3D é instrumento de apoio

Foto: Divulgação



Fechamento

das escolas durante pandemia reduz quantidade de exercício físico praticado pelos alunos

Medidas de isolamento social em decorrência do novo coronavírus obrigaram alunos e professores a buscarem alternativas para execução de atividades, mesmo que de forma reduzida e dificultada



Arquivo: Ashley Thais

QUADRA da EMEF Desembargador Sebastião Nogueira de Lima vazia, ainda sem autorização para o retorno das atividades no espaço

Aula de educação física é disciplina obrigatória do currículo escolar e parte importante do incentivo ao desenvolvimento do corpo e mente dos alunos. Sua execução pressupõe exercícios e prática de esportes em grupos nas quadras. A pandemia do novo coronavírus, no entanto, fez com que escolas fossem fechadas para dificultar a transmissão do vírus, impedindo que as aulas de educação física voltassem a ocorrer de forma tradicional.

O exercício ajuda as crianças a desenvolver seus níveis de concentração e prevenir problemas de saúde. Hipertensão, diabetes e obesidade sofrem grande redução de incidência quando

os alunos realizam as atividades regularmente. “O estudante está em fase de desenvolvimento cognitivo, físico e motor e a falta de estímulo pode causar uma diminuição de massa muscular e atraso no desenvolvimento de capacidades físicas. Os prejuízos causados por essa pandemia são incalculáveis”, ressalta o professor de educação física Fernando Jacob, da Escola Municipal Desembargador Sebastião Nogueira de Lima, do bairro Vila Rica, na zona oeste de São Paulo.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, 9,4% das meninas e 12,4% dos meninos são considerados obesos. Além disso, uma em cada três crianças brasileiras já apresentam excesso de peso. Com a suspensão das atividades físicas nas escolas, a tendência é de elevação em todos esses índices.

“Na minha experiência, eu tento trabalhar

bastante teoria e aliar com algumas inserções de atividades práticas com os alunos, até pela dificuldade de acompanhar e orientar essas aulas”, afirmou o professor Jacob sobre os efeitos causados pela pandemia em sua disciplina.

Segundo um estudo da OMS de 2019, apenas 15% dos adolescentes brasileiros se exercitam o suficiente. “Vários fatores podem estar envolvidos nessa baixa adesão de atividades físicas entre os jovens: desigualdade social, violência urbana, papel da mulher na sociedade, escassez de espaços de lazer e também o aumento exponencial de equipamentos eletrônicos. E a pandemia só agravou o problema”, assegura Frederick Wasinski, educador físico e pesquisador do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo.

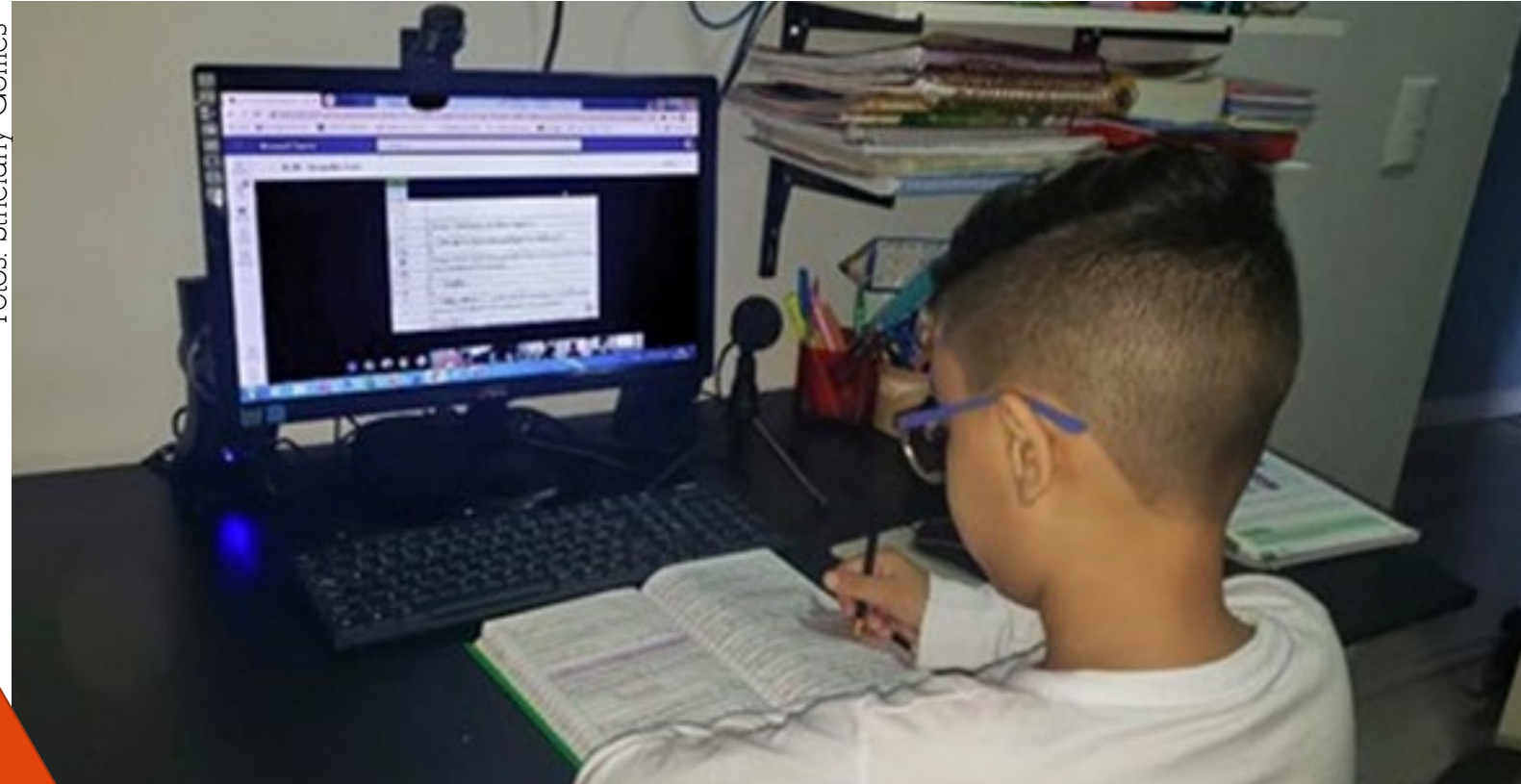
A situação, no entanto, não terá fim com o controle da pandemia do novo coronavírus e pode ocasionar dificuldades no futuro. “Os impactos fisiológicos em relação ao aumento do sedentarismo entre crianças e adolescentes podem gerar uma nova pandemia no futuro de doenças relacionadas à falta de atividade física, como: diabetes, hipertensão, doenças cardíacas, câncer e doenças psicossomáticas”, explica Wasinski.

O distanciamento entre professores e alunos, no entanto, permitiu que novas possibilidades fossem exploradas durante as aulas. “No ensino remoto eu tratei de questões que nunca abordei na aula presencial. Consegui falar sobre beleza, corpo, saúde, depressão e a relação de todos esses assuntos com a educação física. Ouvi relatos importantes sobre bulimia, ansiedade e obesidade. Muitos alunos se expressaram e desabafaram sobre esses problemas”, afirma a professora de educação física Cibele Arruda.

Com o avanço da vacinação, o Brasil se aproxima do retorno ao cotidiano existente antes da pandemia do novo coronavírus. Os professores de educação física vão necessitar de cuidados para readequar a condição física dos alunos e aguardar que todos recuperem o condicionamento anterior, principalmente para aqueles estudantes que pouco buscaram alternativas durante o isolamento.



Fotos: Sthefany Gomes



ESCOLA EMEF Mailson Delane (fechada), atua com 30% da capacidade de alunos

Pandemia altera a maneira habitual de estudar;
alunos e professores se adaptam às novas dificuldades
e trazem soluções que inovam na educação

A explosão da pandemia do coronavírus no Brasil trouxe uma grande mudança no modo de ensino. Professores e alunos tiveram que se reinventar e se adaptar rapidamente à necessidade de distanciamento social. Com isso, a utilização do ensino remotow se fez necessário para que os alunos pudessem dar continuidade em seus estudos.

Segundo o Portal do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), em referência aos índices de falta de acesso à internet da Unesco, mais de 20 milhões de famílias não possuem conexão, o que dificulta a participação de todos os estudantes nas aulas. Por outro lado, os alunos que participam, perdem o interesse e o foco facilmente por não estarem em um ambiente correto para o estudo.

A coordenadora pedagógica da EMEF Mailson Delane, Solange Manoel, relata outra dificuldade enfrentada pela gestão escolar. “A nossa maior dificuldade na região onde estamos é acessar os familiares e as crianças. Algumas casas só têm um celular e o aparelho não comporta a plataforma da prefeitura. Então, a nossa maior dificuldade é essa busca pelos alunos”. A busca acontece com o intuito de alcançar os estudantes, que não possuem acesso às aulas online, distribuindo tablets fornecidos pela prefeitura para integrá-los.

O ensino híbrido surge como uma das soluções para o ensino totalmente remoto, mesclando o virtual com o presencial. Os alunos voltam periodicamente à escola com a restrição de 30% da capacidade da sala.

Desafio do

**ensino
híbrido**

Luciana Chagas/EMEF Mailson Delane



SALA de aula da escola EMEF Mailson Delane, onde alunos participam da aula presencial flexibilizada pelo ensino híbrido

ESTUDANTE participa de aula de português online, devido a limitação de alunos nas aulas presenciais

“A nossa maior dificuldade na região onde estamos é acessar os familiares e as crianças”.

Solange Manoel, coordenadora pedagógica da EMEF Maison Delane

O ensino híbrido auxilia os estudantes para que consigam estudar sozinhos em casa e participar da aula presencial, o que pode contribuir na melhora da participação e do interesse. “O aluno pode fazer a escolha de como, quando e com quem ele vai estudar. Enaquele momento que o aluno traz aquela proposta que o professor lançou do conteúdo, ele vai fazer essa ligação na sala de aula com aquilo que outros alunos trouxeram. É o conceito de aula invertida”, conta Luciano Leal, formado nas áreas de Língua Portuguesa e Tecnologias, da divisão pedagógica da Diretoria de Ensino Regional da região de Guaianases, na cidade de São Paulo.

Na visão dos alunos, as maiores dificuldades são: concentração durante as aulas, adaptação ao sistema híbrido, falta de contato direto com os professores e a conexão precária da internet. Uma pesquisa feita pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) aponta que 67% dos alunos reclamam da dificuldade de manter uma rotina diária de estudos.

“Ter uma rotina escolar, nem que seja uma hora por dia para estudar, porque melhora muito o desempenho”.

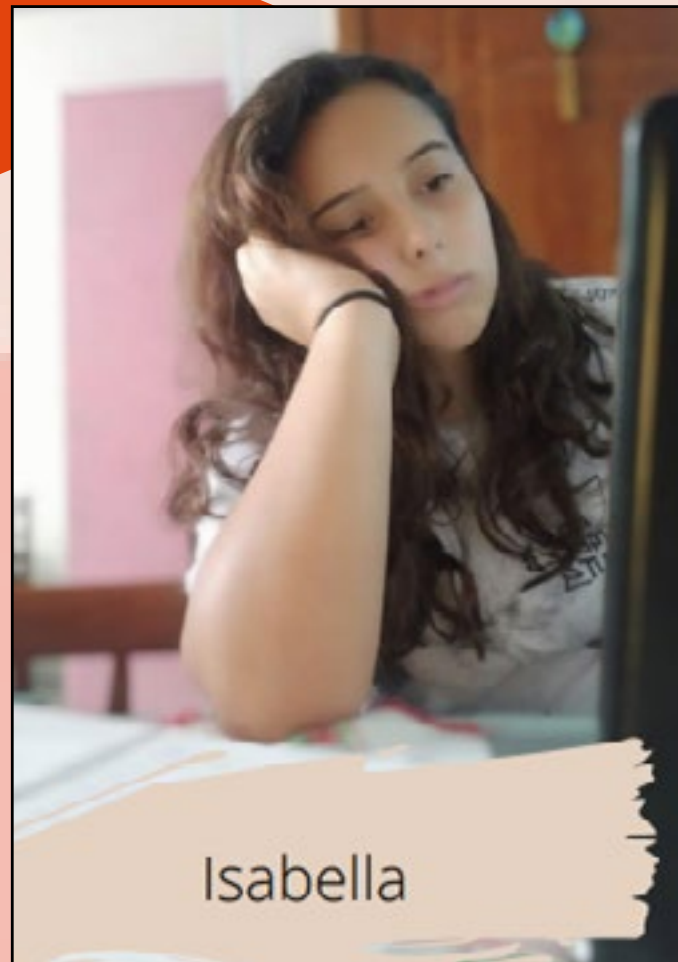
Emily Rodrigues, aluna da EMEF Maison Delane

Emily Rodrigues, estudante do ensino fundamental, dá um conselho para aqueles alunos que estão com dificuldades nas aulas a distância. “A dica que eu dou é ter uma rotina escolar, nem que seja uma hora por dia para estudar, porque melhora muito o desempenho”.

Embora o sistema de ensino tenha sido surpreendido com as dificuldades que surgiram em decorrência da pandemia, os professores são agentes importantes para desenvolver novos mecanismos de ensino e facilitar a integração dos alunos com essa nova forma de educação. Os alunos também estão se reinventando apesar de todo o desafio.

Não quero
mais
assistir às
aulas
no
celular!

Ansiedade e apreensão fazem da
pandemia uma época difícil para os
adolescentes que irão fazer o Enem



Isabella



Prof. Everaldo

Com a pandemia, as escolas tiveram suas rotinas drasticamente alteradas e abraçar o ensino remoto foi a opção. O isolamento social criou um ambiente propício para cenários de estresse e ansiedade, o que compromete a saúde mental dos alunos que sofrem com a pressão do vestibular na pandemia.

O ENEM é a prova mais aguardada pelos milhares de alunos do Ensino Médio no país. Criado em 1998, o exame só ganhou a forma que conhecemos hoje em 2004, quando foi sancionada a lei do ProUni e, em 2010, criou o Sisu. De lá para cá o exame mudou trajetórias e fez sonhos virarem realidades. Porém, para muitos alunos a caminhada é longa e exaustiva e o ensino remoto é, com certeza, mais um obstáculo entre tantos outros.

Isabella Paschoallin (17) é aluna da escola Estadual Cynira Pires dos Santos, em São Bernardo do Campo (SP). Ela mora com a mãe, avó e o tio e tem o interesse de prestar o vestibular para estudar psicologia.

Ela considera que o ensino da escola pública piorou muito durante a pandemia. “O ensino da rede pública não está bom. Muitos professores não quiseram se expor na internet e, com isso, não fizeram videoaulas nem nada, só mandaram as atividades para serem feitas em casa, com uma breve correção, sem se aprofundar no exercício”.

Isabella está apreensiva com a ideia de fazer o vestibular. “Só de ouvir eu já fico preocupada, pensar que uma prova pode definir sua vida escolar. É muita coisa”. Porém não é só, pois se soma a isso o estudo remoto, que acaba dificultando para muitos alunos da rede pública. “O maior desafio do ensino médio remoto é a concentração. Eu acabo largando”, contou.

Todas as mudanças que aconteceram no processo de ensino não só prejudicam a qualidade, como também criam um cenário de instabilidade. Muitos enxergam no exame a chance da vida, uma prova que pode definir o futuro dos jovens e de seus familiares.

O professor de matemática **Everaldo Porto** (39) dá aulas no colégio privado El-Shaday, em São Bernardo do Campo, há 9 anos, para os alunos do ensino fundamental II e para o ensino médio. Everaldo também deu aulas em um cursinho preparatório, o Maximize, em São Bernardo do Campo, onde teve contato com alunos da rede pública.

Ele afirma que há diferença entre os estudantes. “Os alunos da escola pública costumam estar com o conteúdo mais defasado. Não podemos generalizar pois, às vezes, aparecem alunos que são fora da curva, mas a maioria tem grandes dificuldades em acompanhar o ritmo, principalmente em matemática. Geralmente é uma defasagem que vem desde o sétimo ano”. Everaldo explica que, no sétimo ano, é o ano em que os alunos tem o primeiro contato com fração e com todo conteúdo base da matemática do nível fundamental, que é essencial para ter um bom desenvolvimento no ensino médio.

Em tempos de pandemia e de isolamento social muitos alunos ficam cada vez mais ansiosos, e também receosos, com relação ao futuro, o que pode provocar problemas psicológicos nos estudantes dessa faixa etária.

Com a pandemia, as escolas tiveram suas rotinas drasticamente alteradas e abraçar o ensino remoto foi a opção. O isolamento social criou um ambiente propício para cenários de estresse e ansiedade, o que compromete a saúde mental dos alunos que sofrem com a pressão do vestibular na pandemia.



Beatriz

A aluna do 3º ano do Ensino Médio **Giovanna da Silva** (17), estuda na Escola Estadual Álvaro Simões, Vila Progresso, em São Paulo e, neste ano de 2021, vai prestar o Enem na expectativa de conseguir uma vaga de bolsista no curso de música da Faculdade Belas Artes. Ela conta como foi difícil se adaptar à pandemia no 2º ano. “Teve um momento no final do ano que eu estava quase desistindo. Existia muita pressão para os estudos. Acho que foi um ano que eu perdi muito e tive que fazer alguns sacrifícios para realmente aprender algo”.

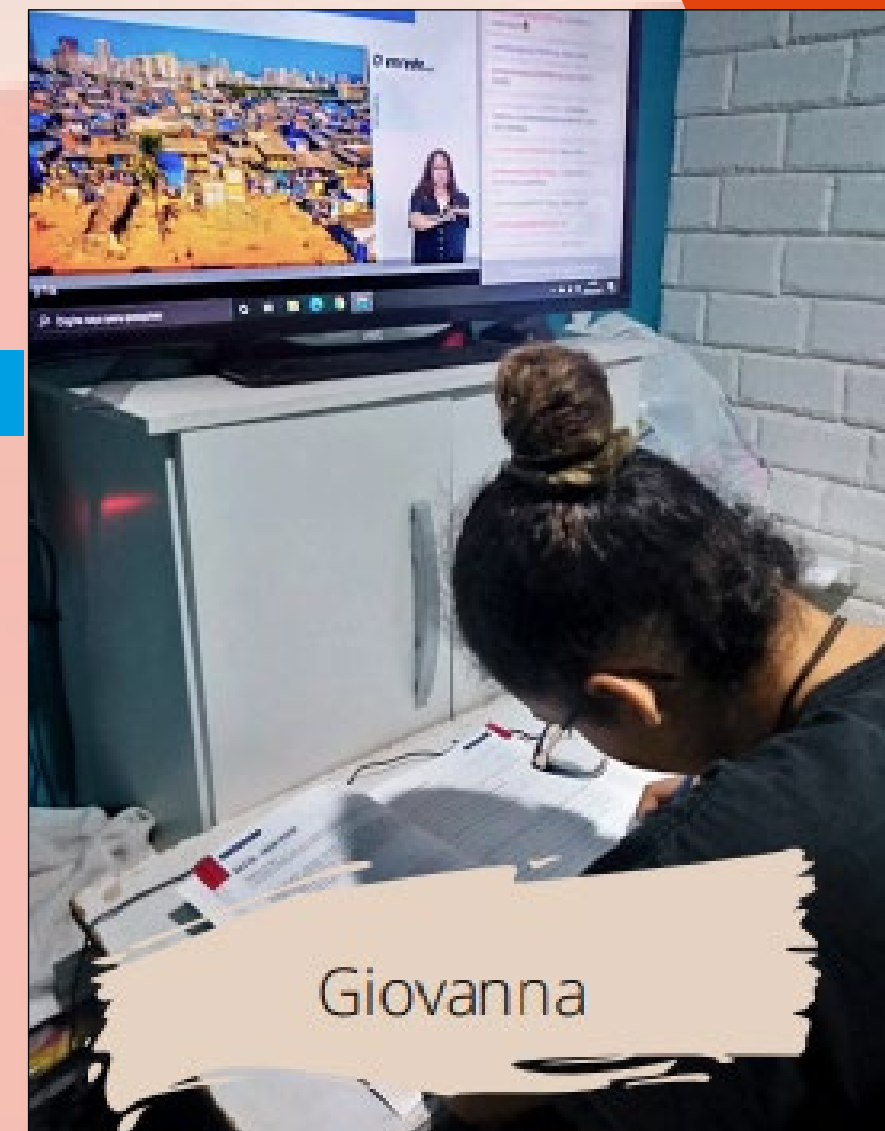
Já **Beatriz Picciano** (17), que faz o 3º ano do ensino médio no colégio universitário USCS (Universidade Municipal de São Caetano), fala sobre a pressão e ansiedade que enfrenta durante a pandemia com a aproximação da data do vestibular. “Pensar no Enem me deixa pressionada, principalmente agora no nosso atual cenário, onde o ensino está sendo a distância. Estudar está sendo complicado, muitos pensamentos sobre se vou conseguir, qual nota vou tirar, preciso ir bem pra passar”. Ela também conta um pouco sobre como lida com esses sentimentos e com o anseio do futuro. “Eu tento lidar com a pressão de uma forma calma, penso que talvez não seja o melhor momento que, se eu não conseguir, tudo bem. Principalmente porque o ensino está sendo a distância, tanto na escola quanto na faculdade. Se eu não estou conseguindo manter o foco agora, também não vou conseguir manter na faculdade. Com todo esse tempo estudando remotamente, concluí que não quero fazer a faculdade a distância. Não vale a pena pra mim, ainda não consegui me adaptar a esse modo de ensino”.

Toda perda causa um sofrimento que pode contribuir para o desenvolvimento de sintomas que geram instabilidade na segurança emocional de um aluno. Ansiedade e a procrastinação de tarefas importantes têm sido recorrentes durante a pandemia.

A psicóloga **Barbara Filgueiras**, formada pela Universidade Metodista de São Paulo, tem experiência clínica com pacientes adolescentes que estão passando por essas dificuldades.

Barbara diz que a ansiedade é algo natural, assim como o medo e outras emoções, porém, a partir do momento em que a ansiedade começa a comprometer coisas do dia a dia, como a rotina e o bem-estar, se torna um problema. “A ansiedade aparece de diversas formas e não é do mesmo jeito para todo mundo. O gelo no estômago que sentimos, quando estamos ansiosos para ir em um evento não é uma sensação padronizada. Ela pode vir como falta de ar, angústia, aperto no peito, insônia, medo, tremores, até uma gastrite. Às vezes, quando as nossas pálpebras tremem casualmente, também pode ser um sinal de ansiedade ou estresse”.

Sem o habitual apoio dado pelos professores, os alunos se tornaram responsáveis pelo próprio aprendizado, uma preocupação e responsabilidade a mais. Com a sobrecarga, é comum que se sintam mais vulneráveis aos sentimentos de frustração e ansiedade. “A adolescência já



Giovanna

é um período muito ansioso, de muita dúvida, pressão externa e interna, de descobertas, frustrações, insegurança e medo. Se na adolescência essa dificuldade de lidar com a ansiedade já for identificada, é muito importante ter um suporte, um apoio para conseguir aprender e passar, por isso, da melhor forma possível”, indica a psicóloga.

Barbara Filgueiras indica que alguns procedimentos podem auxiliar nesse momento difícil pelo qual os alunos passam. Evitar cobrança por resultado, compreender que haverá outras oportunidades, praticar atividades físicas, fazer arte e principalmente terapia são alguns exemplos de atividades que ajudam muito.

Para os alunos que estão em uma condição financeira mais sensível existem algumas alternativas. Apesar das limitações, é possível conseguir apoio e ter um atendimento psicológico inicial em uma UBS (Unidade Básica de Saúde) ou pelo CAPS (Centro de Atenção Psicossocial).

Outra opção é entrar em contato com alguma Clínica-Escola, que são espaços das Faculdades de Psicologia destinados a oferecer atendimento psicológico gratuito ou com valor social à comunidade.



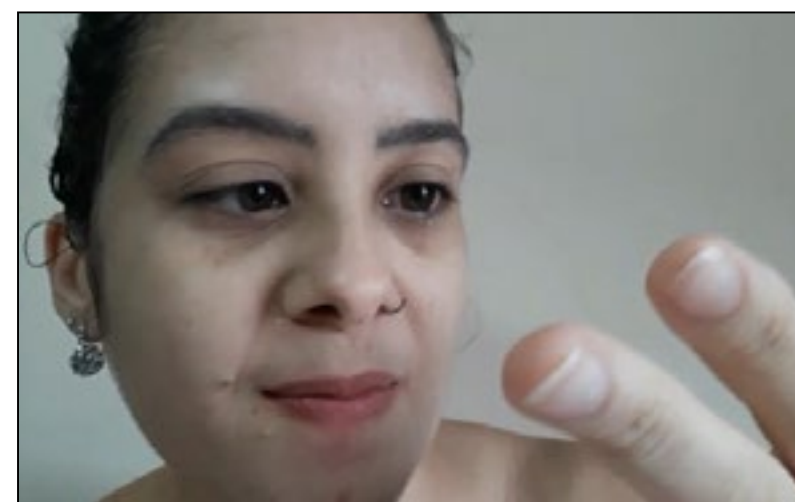
Psicóloga Barbara

Quem
nunca
sonhou
em
ser um

Artista

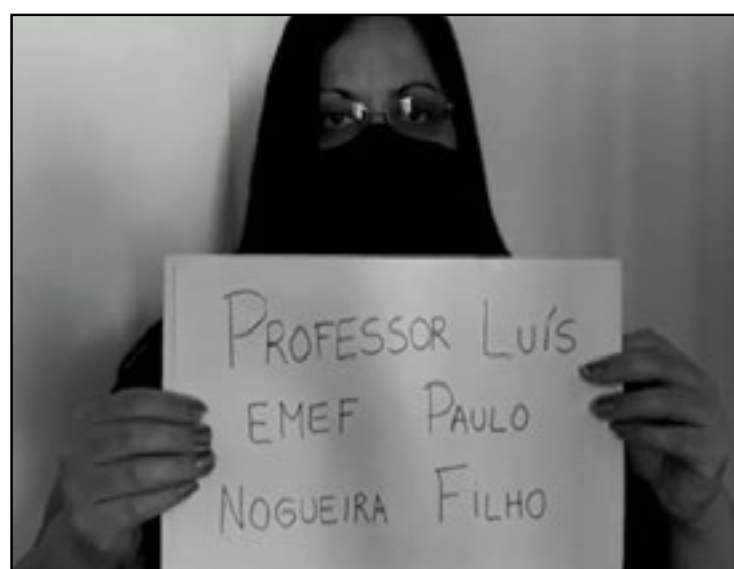


VIDEOPERFORMANCE da professora Andressa Lins, intitulada “Ame seu corpo”, realizada em outubro de 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/PnpsxMa>



Fotos: Arquivo Pessoal

PROFESSORA Cristiane Souza, autora da videoperformance “Arte e poesia”, produzida em novembro de 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/nnpsUwo>



VIDEOPERFORMANCE “Que nomes possam nos tocar”, realizada em homenagem aos professores mortos pela Covid-19. Produzida pelas professoras Gabriela Justine Augusto da Silva. Disponível em: <https://cutt.ly/Bnpsme9>

*Por: Eliana Angélica Peres D’Alessandro**



Quem não gostaria de ser notado, que todos soubessem quem é você, como pensa e como se expressa? Quem nunca sonhou em ser um artista, ser um grafiteiro, desenhista, pintor, artista de teatro, um produtor de filmes, de vídeos, ter uma conta no Youtube muito legal para todos curtirem?

E se eu disser que sua escola pode incentivar isso. E melhor: trabalhando de um jeito que você pode ser notado na escola, por seus colegas, por seus professores e ainda aumentando o seu potencial criativo e melhorando o seu aprendizado em todas as matérias. O que acha disso?

Existe uma atividade na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, que se chama “Videoperformance, arte e expressão, promovendo a interdisciplinaridade”. Nome longo não é? Ela é voltada para professores para que eles aprendam a fazer com que o aluno possa se expressar por meio de teatro e de outras linguagens artísticas dentro de produções de vídeos feitos por eles mesmos e ainda aprender mais facilmente os conteúdos das disciplinas da escola.

Essa iniciativa já existe há quatro anos e integra o projeto Imprensa Jovem. Quem participa aprende noções básicas de teatro, dança, música, artes visuais, performance e vídeo. Ao ter uma ação dessas implantada na escola, professores alunos acabam sendo protagonistas de sua própria cultura. É muito interessante!

Outro lado dessa atividade é que ela se propõe a fazer com que seus professores possam tornar as aulas mais atraentes, promovendo a “interdisciplinaridade”, ou seja, tornar os conteúdos



VIDEOPERFORMANCE “Rotinas”, realizada pela professora Fernanda Porto, em maio de 2021. Disponível em: <https://cutt.ly/3npsRad>

das disciplinas mais fáceis de se entender e que “conversem entre si”. O que faz mais sentido, pois desse modo podemos ligar o que aprendemos na escola ao nosso dia a dia e ao que sentimos e pensamos. Você vai ver que Língua Portuguesa e Física têm muito mais coisas em comum do que podemos imaginar.

Nas videoperformances, professores e alunos desenvolvem vídeos, que vão potencializando sua capacidade de comunicação, seu poder de síntese, além de seu desempenho artístico. São realizados exercícios de improviso de teatro, música ritmo e movimento e cenografia, além de serem estudados conceitos básicos de história da arte, arte contemporânea e visualidade. Já pensou em apresentar um trabalho em grupo utilizando vídeos performáticos? É super diferente.

* Socióloga, especialista em Arte e Cultura e Mestre em Artes Visuais pela UNESP. Formadora do Núcleo de Educomunicação da SME-SP.

PASSO A PASSO

Veja agora como fazer uma videoperformance na sua escola. O material é simples, somente um celular e muita vontade de fazer coisas diferentes.

Passo 1

O professor deve abrir uma conta no Youtube (lembrando que o conteúdo pode ser limitado a somente alguns espectadores ou aberto a toda a internet).

Passo 2

É preciso explorar a função vídeo de seu celular. Treinar os melhores ângulos e planos. Capriche na escolha do cenário também.

Passo 3

Estudar um pouco de artes e linguagens artísticas (teatro, música, dança, performance, cenografia).

Passo 4

Priorizar a interdisciplinaridade (como trabalhar junto com outro componente curricular). Um exemplo pode ser os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (já ouviu falar dos ODS, da ONU?). São preocupações da atualidade que podem ser discutidas em qualquer disciplina, não é mesmo?

Passo 5

Praticar, praticar e praticar.

Videoperformance, arte e expressão na escola

Ela só queria curtir o nono ano,
mas por causa de um vírus, acabou presa dentro de casa.

JUVENILDA CONFINADA

